O professor está a segurar duas folhas de papel cor de laranja fluorescente na mão.

— Apesar da apresentação um tanto vulgar — diz, agitando uma folha em cada mão como se se tratasse de um sinaleiro numa corrida em Daytona —, sinto-me compelido a ler esta em voz alta.

O trabalho consistia em escrever uma versão contemporânea do ensaio de Bacon «História da Vida e da Morte». Deixei tudo para a última hora, por isso o único papel que havia lá em casa era esta cartolina grossa que tinha sobrado da festa de Halloween. Não foi nada fácil enfiar aquilo na máquina de escrever.

O professor não se limita a lê-lo, ele interpreta-o. Dá-lhe muito mais vida e humor do que eu alguma vez imaginei que tivesse.

Há dois rapazes brilhantes na turma. Sentam-se juntos na primeira fila e eu só lhes vejo a parte de trás das cabeças: um com cabelo castanho acobreado e o outro com um rabo de cavalo preto e espesso. O professor passa a vida a pedir-lhes opinião, portanto, presumo que sejam seus assistentes de pós-graduação. Quando o meu trabalho me é devolvido, ambos se viram para acompanhar o percurso das folhas e ver a quem pertencem.

Depois desse dia, o ruivo começa a recuar, aproximando-se. Três aulas depois, senta-se ao meu lado.

Pouco depois, passa a acompanhar-me enquanto atravesso o *campus* até à aula de Mobiliário Moderno, a única de História da Arte que ainda tinha vagas quando me inscrevi. A nossa aula de Literatura do Século XVII tem apenas uns trinta alunos, mas Mobiliário Moderno decorre num anfiteatro com cadeiras almofadadas dispostas numa inclinação acentuada até ao professor, lá em baixo, no púlpito. Atrás dele, há um ecrã enorme onde vão surgindo imagens da *chaise longue* B 306 de Corbusier e das mesas encaixáveis da Bauhaus. Nessa aula, aproveito para pôr o sono em dia.

O Sam tem um passo curto e hesitante, e isso reflete-se também na forma como fala: em pequenos arrancos articulados, seguidos de longos momentos de silêncio. Falamos exclusivamente sobre a aula.

— Ele não está a dar a devida atenção ao Cromwell — diz —, nem à forma como a resistência à sua figura galvanizou a imaginação de toda uma geração de escritores.

Concordo. Que mais posso fazer? Sou só uma aluna, e ele é um erudito. Isso percebe-se logo. Nunca tinha conhecido um erudito que não fosse professor. E o Sam nem sequer é aluno de pós-graduação. Está no último ano, como eu.

Mais tarde, vou à biblioteca ler sobre quem foi Cromwell e, da vez seguinte que caminhamos juntos até à aula de Mobiliário Moderno, arrisco fazer uma piada muito discreta sobre o Parlamento Remanescente. O riso do Sam não se ouve; é mais um ofegar.

Ele pergunta-me se já vi *O Caçador* e eu digo que sim, convencida de que ele vai fazer alguma comparação com Venitore, o caçador, em *The Compleat Angler*. Mas, em vez disso, pergunta-me se quero voltar a vê-lo com ele. Vai estar em exibição no *campus* na sexta-feira à noite.

Encontramo-nos na Associação de Estudantes. Ele já comprou o meu bilhete. Dispuseram filas de cadeiras metálicas e um ecrã montado num suporte. Eu e o Sam sentamo-nos à espera de que as luzes se apaguem. A minha colega de quarto, a Carson, passa por nós com o namorado, o Bud, um Boina Verde que vem de Fort Bragg sempre que pode. Estão a discutir enquanto se esgueiram até dois lugares vazios, três filas à nossa frente, e, mal se sentam, começam a apalpar-se.

O filme começa. É longo e brutal. Passo metade do tempo a olhar para o colo. O Sam permanece ao meu lado como um estranho. Por fim, cantam «God Bless America» à mesa de jantar depois do funeral do Christopher Walken e, em seguida, a imagem congela e o filme acaba. O Sam levanta-se assim que começam os créditos, e eu sigo-o para fora da Associação de Estudantes.

Seguimos por um caminho do *campus* que não vai dar nem ao meu dormitório, na Pye Street, nem ao centro da cidade, onde pensei que pudéssemos ir beber qualquer coisa. O Sam aponta para o dormitório onde ficou no primeiro ano e eu aponto para o meu, no pátio ao lado. O filme fez com que estes edifícios, estes pátios e estes anos das nossas vidas parecessem insuportavelmente ingénuos. Apetece-me dizer algo sobre o assunto, porém, isso também me parece ingénuo. Em vez disso, começo a dizer que tenho de me levantar cedo, e ele pergunta-me se quero ir beber uma cerveja.

Caminhamos na direção dos bares, mas o Sam acaba por mudar de direção e segue por uma rua lateral, atravessando o portão de uma cerca branca e subindo um caminho em pedra até uma porta de entrada iluminada por uma luz exterior.

— Onde estamos?

— Em minha casa.

Percebo que queria mostrar-ma, que sabia que me iria impressionar.

E impressionou.

O Sam roda a maçaneta — a porta está destrancada — e segura a porta para eu entrar. Dou por mim a entrar num pequeno vestíbulo, com uma escada íngreme à esquerda. À direita, há uma mesinha com um candeeiro e um bloco de notas com uma caneta em cima. Através de uma porta aberta, dá para ver uma sala de estar pintada de azul-marinho, com um sofá às riscas e uma parede cheia de livros.

Comento a quantidade de livros.

— Isto é só o que sobrou — conta-me. Sigo-o pela sala de estar até um escritório amplo, digno de um filme antigo, onde há quatro paredes forradas de livros do chão até ao teto, uma secretária grande, assente em pernas robustas, e uma cadeira de couro em frente à lareira.

— É aqui que fumas o teu cachimbo à noite?

Com um leve sorriso, abre a gaveta de cima da mesa ao lado da cadeira de couro e mostra quatro cachimbos antigos, alinhados com cuidado num suporte de madeira.

Rio-me e ele ofega.

— De quem é esta casa?

— Do professor Gastrell. Alguma vez tiveste aulas com ele sobre Chaucer? Ou o seu seminário sobre Milton?

Abano a cabeça. Já tinha ouvido falar de Gastrell. O «Gástrico», como lhe chamam. Dizem que mais vale manter a distância… é conhecido por ser bastante exigente. Será que os alunos de licenciatura podem sequer frequentar os seminários?

— Ele está de licença sabática, a fazer uma investigação em Merton. — Percebe pela minha expressão que não faço ideia do que está a falar. — Em Oxford. Pediu-nos que tomássemos conta da casa durante este ano.

— Pediu-*nos*?

— Ao Yash e a mim.

Yash?

Há tanta coisa que espera que eu saiba.

Nenhum de nós sabe muito bem o que dizer a seguir. O Sam fecha a gaveta dos cachimbos e eu pergunto onde fica a casa de banho. Ele aponta para uma porta inclinada debaixo das escadas. Na verdade, não tenho assim tanta necessidade de ir. Só preciso de estar sozinha por um instante. A sanita é funda e a pequena quantidade de urina que faço soa alto ao cair na água, por isso paro. O espelho por cima do lavatório é oval e está fixado demasiado no alto da parede. Consigo ver metade da testa de cada vez, e um olho ou outro, se me puser em bicos de pés.

O corredor está vazio, e a porta que dá para a rua fica a poucos passos de distância. Em dez minutos podia estar de volta ao meu quarto na Pye Street. Mas a Carson e o Bud vão lá estar, agarradinhos um ao outro, de uma maneira ou de outra. Ouve-se a porta de um frigorífico a abrir e sigo o som.

Sentamo-nos no sofá às riscas, na sala azul-marinho, cada um com a sua garrafa de cerveja. As almofadas são duras e nós estamos tensos, embora o Sam não seja do tipo que se incomoda com silêncios

prolongados. Vamos brincando com os rótulos das garrafas e falando esporadicamente. Ele pergunta-me se tenho muito trabalho para o fim de semana e eu digo que tenho de escrever um conto.

— Porquê?

— Para a aula de Ficção.

Ele acena lentamente com a cabeça, absorvido por um pensamento que decide não partilhar.

— Vais escrever sobre o quê?

Olho em volta.

— Sobre esta noite, provavelmente.

O Sam parece alarmado. Depois, respira fundo.

— Boa.

A porta da frente abre-se de rompante e bate com força contra a parede.

— Foda-se, caraças — diz uma voz no corredor. A porta estremece ao fechar-se. — Vou trancá-la, não vá ela ter-me seguido. — Solta uma gargalhada estridente. — Estás aí? Então, como correu com a *Daisy*? — Entra de rompante na sala e vejo que é o outro rapaz da nossa turma, o Yash. — Ora, ora… se não está mesmo aqui à nossa frente.

O cabelo solto sem o rabo de cavalo, espesso e preto, cai-lhe ligeiramente sobre os ombros. Está a tentar conter o riso.

— Daisy? — pergunto.

— Sim, Daisy — esclarece. — Chamamos «Daisy» a todos os nossos encontros. E a minha Daisy de hoje foi das boas. — Sorri de orelha a orelha e aproxima-se. Olho para o Sam, receando que o mande embora, mas ele tem um meio-sorriso no rosto que ainda não lhe tinha visto. Parece tão aliviado quanto eu por já não estarmos só os dois.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Bem, vou buscá-la à Kappa — diz o Yash, de pé diante da mesa de centro, virado para nós. Eu e o Sam recostamo-nos ao mesmo tempo, como se tivéssemos ligado a televisão. — Tens de te registar, dar sangue, fazer um voto de castidade, e, depois, ficas à espera numa merda de sala cheia de *naperons* em todas as mesas durante vinte minutos, com todos os outros tipos patéticos. Meu Deus, até aquele gajo, o Ian, estava lá… o que citou as últimas palavras do Victor Hugo.

O Sam ri-se baixinho.

— Já estou mesmo a ver o cenário...

— Um cenário vi eu na Kappa, sem dúvida. Aquela sala é arrepiante e cheira um bocado mal, como as mãos da minha mãe depois de um dia inteiro a mexer em tudo. — Olha para mim e espeta o dedo no ar algumas vezes. — A minha mãe está sempre a mexer em tudo — afirma. — Por fim, ouvimos passos nas escadas e aparecem aquelas raparigas todas juntas, mais ou menos parecidas umas com as outras, e já nenhum de nós se lembra de quem veio buscar, porque estivemos enfiados naquele chiqueiro a noite toda. Ainda assim, alguém me identifica no meio do grupo e pomo-nos a milhas. Levo-a ao Pip's, falamos do pai dela, que tem uma doença rara e horrível, e do irmão, que parece um completo idiota, e eu peço algo que devia chamar-se «mistela acastanhada por cima de uma espécie de esponja nojenta», e, por fim, levo-a de volta à residência Kappa. Ela quer *mostrar-me* qualquer coisa lá dentro, no tal chiqueiro, que agora está vazio e mal iluminado, e tenho de ficar a olhar para um mosquete confederado absolutamente medonho pendurado na parede, que, segundo ela, pertenceu ao *avô*. Acelero em direção à porta, mas, de repente, as pernas dela têm três metros de comprimento e ela chega lá primeiro. Depois, encosta-me a uns cabides e abre a boca como uma cobra. Foi horrível. Consegui escapar e meter a porta de rede entre nós. — Ergue uma porta imaginária como se fosse um escudo. — No final, despeço-me educadamente e fujo.

O Sam está a rir-se tanto que chega a fazer barulho.

O Yash bufa, pede desculpa e limpa os olhos. Depois, endireita-se e acena-nos com os dedos.

— Espero que o vosso encontro esteja a correr um bocadinho melhor.

— Está a ser um bocado estranho — digo, e ambos riem-se.

— Vai melhorar. O Sam exige um certo grau de adaptação — explica. — *Bonne nuit.* — E sobe as escadas com passos pesados.

O Sam levanta-se e fecha as duas portas da sala. Quando volta a sentar-se no sofá, está mais perto de mim.

— A «Daisy»? Por favor, diz-me que não é no sentido de Daisy Buchanan.

— No bom sentido — responde, e beija-me.



Na segunda-feira, o Sam acompanha-me até à aula de Mobiliário Moderno e, quando saio cinquenta minutos depois, está à minha espera.

— Queres ir lá a casa almoçar?

Comemos sanduíches de peru e voltamos a beijar-nos no sofá. Ele não apressa as coisas. Ficamos ali, beijo atrás de beijo, até eu ter de ir para a aula de Lógica.

Atravesso o *campus* um pouco atordoada. Não consigo parar de rir ao pensar em nós aos beijos no sofá do professor Gástrico, numa segunda-feira, em plena luz do dia. Todo o constrangimento desapareceu quando começámos a beijar-nos. Íamos dizendo coisas sem importância, tanto ele como eu, e acabávamos a rir naquele sofá às riscas.

Terá percebido a minha falta de experiência? Só tive um namorado até agora, o Jay, no ano passado. Conhecemo-nos no outono e levei-o a casa nas férias da primavera, e foi na cozinha da minha mãe que deixei de o amar. Disse-lho no avião, no regresso à faculdade, o que é um péssimo sítio para acabar uma relação. Ele chorou, debateu-se, mas recusou-se a levantar-se para ir à casa de banho recompor-se. A conversa começou de forma bastante tranquila, com ele a dizer-me o que dizia tantas vezes: que eu reprimia os meus sentimentos até rebentar como uma mangueira de incêndio, e que, se não me fechasse tanto, conseguiríamos entender-nos melhor. No entanto, à medida que percebeu que não iria conseguir convencer-me a mudar de opinião, foi levantando a voz. Tinha pagado as nossas *passagens de avião*. Podia ter ido para *Key West* com os amigos em vez de vir para uma *porcaria* de terriola em *Massachusetts*. A mãe dele achava que eu era lésbica.

— Fui eu que te ensinei tudo o que sei sobre sexo! — gritou, ao longo do corredor do avião até ao *cockpit*, que, na altura, nem sequer tinha porta. E era verdade. Tinha mesmo sido ele. Eu era virgem e o Jay tinha sido um guia divertido e carinhoso. Na altura, não tinha termo de comparação, nem em relação a ele nem ao sexo que tínhamos, mas agora tenho consciência de que o meu ex-namorado era particularmente desinibido e me transmitiu essa atitude. Não lhe agradava a ideia de eu vir a passar

isso a outra pessoa. Ficou obcecado com isso. Foi o voo mais longo da minha vida, e senti um enorme alívio quando as rodas tocaram na pista e fiquei mais perto da minha liberdade. Depois do Jay, andei aos beijos com o *barman* do restaurante onde trabalhava, com um rapaz num churrasco de finalistas no início do semestre e, mais recentemente, com um amigo da Carson que também se tinha mascarado de Cyndi Lauper na nossa festa de Halloween.



O Sam convida-me para jantar na sexta-feira. Imagino a casa só para nós, os castiçais do professor Gastrell acesos na sala de jantar. À porta, entrego-lhe uma garrafa de vinho.

Ele olha para o rótulo e faz-me um gesto para eu entrar na sala de estar.

— Esta noite vamos harmonizar um Riesling de mil novecentos e oitenta e sete com uma *pepperoni* — anuncia, atrás de mim, dirigindo-se ao Yash e a um tipo que não conheço, sentado no sofá. O sujeito tem uma massa de caracóis ruivos no topo da cabeça com uns bons quinze centímetros de espessura. Tem pernas curtas e uns ténis enormes espalhados em cima da mesa de centro polida do Dr. Gastrell. Ao lado dos seus ténis, há quatro caixas de *pizza*. O Yash vai buscar uns copos de vinho.

O ruivo aponta para mim.

— No primeiro ano de faculdade. Numa festa para conhecer pessoal novo. Foste com o Dale Greensmith.

— Este é o Ivan — apresenta o Sam.

O rapaz fecha os olhos.

— Vestido vermelho. Botões pretos.

— És um bocado assustador.

— Acertei, não foi?

— No vestido, sim. Quanto ao par, já não me lembro.

Eles riem-se como se eu estivesse a mentir, como se fosse impossível lembrar-se melhor de um vestido do que de um rapaz.

— *In Riesling veritas* — diz o Yash, servindo o vinho em copos pequenos, finíssimos, em forma de campânulas. — Antes da noite acabar, havemos de chegar à verdade sobre o tal Dale Greensmith.

O Sam e eu sentamo-nos nas poltronas, em frente ao Yash e ao Ivan. O vinho é doce e enjoativo, mas adoro segurar o copo frágil entre os dedos.

O Ivan é outro aluno de Inglês que nunca tinha visto.

— Diz-me tudo, absolutamente tudo, sem exceção, que te venha à cabeça quando pensas em James Joyce — pede.

Felizmente, o meu professor de Inglês do secundário tinha uma certa obsessão por Joyce.

— Fluxo de consciência, onomatopeia, epifania, sim, eu quero, sim, eu disse sim, e cair ténue, cair ténue sobre os vivos e os mortos.

O Ivan pressiona as palmas das mãos contra os olhos e balança a cabeça para a frente e para trás.

— «Cair ténue através do universo e cair ténue, como a descida do seu último fim, sobre todos os vivos e os mortos.» Estou completamente lixado — queixa-se.

— A tese que ele está a escrever é sobre o Finnegans Wake — explica o Sam.

O Ivan afasta as mãos para olhar para mim com um último resquício de esperança. Seja como for, eu nunca ouvi falar daquilo.

— Também estás a escrever uma tese? — pergunto ao Sam.

— É obrigatório no programa de excelência.

— Ah, pois. — O programa de *excelência*. Sinto que ando numa faculdade diferente, e eles percebem isso.

— Com quem tiveste aulas? — pergunta o Ivan.

Era esse género de coisa. Não perguntam que cadeiras tens, mas sim que professores.

Faço um pequeno esforço para me lembrar de alguns nomes.

— Brody, Iyengar, Doukas. — Foram os únicos que me vieram à cabeça.

Nenhum deles reage.

— São professores de Escrita Criativa.

— Coitados — conclui o Ivan. O Sam faz-lhe um sinal qualquer. — Quero dizer… o que pode ser pior do que passar um semestre inteiro a ler histórias sem jeito nem feitio?

— Já não são assim. Estou no nível avançado. — Era preciso fazer Introdução à Escrita Criativa, Escrita Criativa Intermédia e Escrita Criativa Avançada para lá chegar.

— Ah, *avançado*. — O Ivan ri-se.

— Eu tive uma cadeira de Escrita Criativa no primeiro ano — revela o Yash.

— Não tiveste nada — atira o Sam.

— Tive, sim. Com a Iyengar. — Olha para mim. — Ela *detestou* o meu conto.

— Isso não é verdade — riposta o Sam.

— *Detestou*, sim.

— Tinha uns certos aqui e ali e um comentário simpático.

— Dois certos em quinze páginas, e o comentário era condescendente.

— Não era nada.

— «Isto é promissor.» — Ele faz uma careta.

— Deve ter sido o primeiro trabalho que recebeste sem as palavras «genial» ou «*esplêndido*» — diz o Sam —, escrito no fim.

— Não é isso. A sério que não é. Mas «isto é promissor»? Como quem diz que, um dia, lá muito longe, talvez eu venha a mostrar o mais leve sinal de talento?

— Então, nunca voltaste a ter outra cadeira de Escrita Criativa? — pergunto.

— Não.

— Ele nem sequer chegou a fazer essa — conta o Sam. — Desistiu ao fim de três semanas.

— Nenhum dos escritores que admiro teve aulas de Escrita Criativa — atira o Yash. — Acho que vou ficar bem.

O Ivan passa-me uma fatia de *pizza* num prato branco delicado, com uma borda dourada e um ramalhete de botões de rosa no centro.

— Tirando a noite do vestido vermelho, como é possível nunca te termos visto? — pergunta. — Onde tens andado escondida?

Não fazia parte de nenhuma associação nem ia a festas de fraternidades e, como se tal não bastasse, ainda trabalhava três noites por semana num restaurante.

— Não sei. Estive na equipa de golfe no primeiro ano, por isso andava sempre a viajar. — Isto é um bocadinho exagerado.

— Estiveste na porra da equipa de golfe? — pergunta ele. A nossa universidade tem uma equipa muito forte que é campeã do Torneio de Conferências da Costa do Atlântico há onze anos seguidos.

— No primeiro ano. Depois desisti.

Desisti na primeira semana.

— Porra. Foste recrutada.

— Toda a gente é recrutada. — Mas ele pensava o quê? Que estávamos em mil novecentos e vinte? Que agora já ninguém entrava na equipa sem bolsa?— Ela não é a Daisy Buchanan, é a Jordan Baker — diz o Yash, inclinando-se na minha direção. — A tua voz também soa a dinheiro?

— Não. Soa a alguém que desistiu da bolsa de golfe.

Percebo que passam todos a gostar mais de mim depois de me terem rebatizado de Jordan. Usam o nome a toda a hora.

O Yash leva as caixas vazias da *pizza* para a cozinha e volta com um baralho de cartas.

— A Jordan há de saber jogar copas.

Não sei, mas adoro jogos de cartas, aprendo depressa e, na segunda mão, faço lua.

— Jordan. J. matreira. Tem cuidado contigo, Sammy.

O Sam lança-me um olhar rápido, com aquele sorrisinho por cima do leque de cartas.

— Bem — diz o Sam, ao fim de seis jogadas, juntando todas as cartas sem voltar a distribuí-las.

— Está na hora de lhe mostrares as tuas gravuras? — questiona o Ivan. — A sério que aquilo que ele tem no quarto são mesmo gravuras. Juro por Deus.

— Queres ver?

O Sam está a corar e a convidar-me com os olhos.

O Yash está na cozinha a pôr a loiça na máquina.

Faço que sim com a cabeça.

No corredor, ele pega-me na mão e eu sigo-o pela escada estreita e íngreme. O Sam estende a mão para um interruptor na parede e um candeeiro antigo acende-se com algum atraso, emitindo uma luz fraca. Depois, conduz-me até ao quarto da frente. Não acende a luz do teto nem olhamos para gravura nenhuma. O que ele faz é puxar-me para cima da cama de casal alta do Prof. Gastrell.

Beijamo-nos, entrelaçamos as pernas uma na outra e o Sam diz que andou a noite inteira a querer trazer-me para aqui. Apertamo-nos com força um contra o outro e sinto que posso vir-me antes mesmo de despir as calças de ganga. Rimo-nos porque os meus dedos parecem não obedecer, mas acabo por abrir o fecho e ele estende a mão e puxa-me para si assim que as tiro, soltando uma espécie de grunhido baixinho ao sentir o quanto estou molhada. Também o sinto, duro contra o fecho das calças. Estendo a mão para o cinto dele e o Sam diz algo que soa como um «não». Sinto-lhe o pulso através do tecido, o contorno da ponta do seu pénis. Luto com todas as minhas forças para ficar quieta. Ele beija-me e começa a tocar-me, sem explicar por que razão não me deixa tocar-lhe.

Sento-me e volto a vestir as calças. O desejo continua a fervilhar dentro de mim, o que é irritante, porque é como estar bêbada quando precisas de estar sóbria.

— Por favor, não me interpretes mal — pede-me.

Oiço o Yash e o Ivan a discutir lá em baixo, uns estrondos e depois o Yash a rir. Sinto-me humilhada, como se os dois já soubessem o que aconteceu. Foi o Ivan quem nos mandou subir. Já sabia como isto ia acabar. Tenho um lado paranoico e preciso de sair daqui.

Calço os sapatos, ajeito o sutiã e abro a porta.

— Jordan. — Os movimentos do Sam são muito rápidos. Toca-me no braço e na anca. Levanta-me a camisola e passa o polegar pela pele. — Por favor, fica. Imploro-te. Eu posso explicar. — Os seus lábios acariciam-me o cabelo e o seu polegar desliza pela minha anca. Não quero descer e cruzar-me com o Yash e o Ivan à saída, portanto, acabo por ceder.

Metemo-nos debaixo dos lençóis, só de camisola e roupa interior. O Sam enrosca-se atrás de mim e beija-me o pescoço e a orelha, o que

faz com que o meu corpo entre em delírio. Tenho de ir embora. Tenho de ficar. Sinto-o duro contra mim. Nunca tinha sentido nada assim com o Jay. Ele costuma adormecer muito antes de mim e não explica nada.



Acordo cedo e preciso de ir à procura de uma casa de banho, por isso saio da cama sem acordar o Sam. Volto, uma vez mais, a vestir as calças de ganga e abro a porta. O candeeiro de parede continua aceso e há duas portas ao fundo do corredor. Ambas estão fechadas. Imagino que a casa de banho fique por cima da cozinha, por causa da canalização, como tal, abro a porta da esquerda devagar, só uma nesga.

Não é a casa de banho. É o Yash numa cama de solteiro debaixo de uma colcha amarela. Está rodeado de livros. Livros empilhados ao longo das paredes e à volta da cama, e alguns ao lado dele sobre a colcha amarela. Está deitado de costas com uma expressão concentrada, séria, como nunca lhe tinha visto; como se dormir fosse um trabalho exigente. Fecho a porta e entro na casa de banho do outro lado do corredor.

Quando volto, o Sam já está acordado. Deito-me ao lado dele e voltamos aos amassos. Com o Jay, nunca gostei de sexo matinal, porém, a frustração sexual de manhã é ainda pior. Tento distrair-me olhando, por cima do ombro dele, para as lombadas dos livros na mesa de cabeceira: *Confissões*, de Santo Agostinho; *Paulo, o Apóstolo*; *Cristianismo Puro e Simples*.

Ah.

— Tenho fome — digo. — É melhor ir andando.

— Eu faço-te o pequeno-almoço.

Descemos até à cozinha.

É uma cozinha antiga, um pouco ao abandono, com um lava-loiça de cerâmica lascado e grandes azulejos pretos e brancos no chão. Há uma porta das traseiras com uma janela de vidro e, lá fora, um pequeno quintal com uma cadeira solitária, meio perdida na relva alta. Sento-me à mesa pequena encostada à parede, ao lado do frigorífico velho. O Sam faz café numa daquelas cafeteiras com um cilindro de plástico no topo, onde se vê o café a borbulhar. Mantém-se de costas para mim, mesmo enquanto espera que a água ferva.

Enche as chávenas e pergunta se bebo o café com leite. Não bebo café, por isso digo que não, e ele responde que ainda bem, porque não há leite, e solta aquela espécie de riso ofegante. Senta-se à minha frente e dá longos goles no café, de olhos fechados, e, depois, levanta-se para se servir de uma segunda chávena. Para mim, o café é intragável e é coisa de adultos. Estou sempre a pensar que devia ir-me embora, mas não me levanto. Depois da segunda chávena, o Sam lembra-se da comida. Começa a tirar coisas do frigorífico e eu ofereço-me para ajudar, mas ele manda-me ficar sentada. O meu corpo está todo descompassado. Não me lembro de haver este tipo de silêncio com o Jay. Não me lembro sequer de alguma vez ter ficado sem saber o que dizer ou de reparar nas lacunas, e dou por mim a ter saudades dele, pela primeira vez desde que acabámos. Pergunto ao Sam como é que ele e o Yash ficaram com a casa, e ele diz que já vinham cá jantar desde o primeiro ano, quando tiveram o Gastrell como professor de Literatura Medieval Tardia. Foi assim que o Yash e o Sam se conheceram, naquela cadeira. *O Gastrell arranjou um trabalho de investigação ao Yash no* Sparrow, conta o Sam. Seja lá o que isso for. E acrescenta que o professor deixa o Ivan usar o seu escritório no clube de professores.

— Ele é mesmo muito generoso com os alunos. É pena nunca teres tido aulas com ele.

Sou boa aluna a Inglês. Tiro notas altas e recebo elogios no final dos meus trabalhos, no entanto, nunca fiz amizade com nenhum dos meus professores, que são todos homens, exceto a Iyengar. Nunca nenhum me deu uma atenção especial ou sugeriu que me inscrevesse num seminário. Uma vez servi o professor Wyler no High Five; fui aluna dele na disciplina de Poesia Moderna, na primavera do segundo ano. Ele estava sozinho, tinha bebido três *bourbons* e perguntou-me a que horas saía do trabalho. Não me parece que estivesse a planear falar-me do programa de excelência. Se tivesse tido o Prof. Gastrell, talvez tivesse chegado a ver o quarto verde dele, mas duvido que me emprestasse esta casa durante um ano sem mais nem menos.

O Sam faz torradas e ovos estrelados. Põe os pratos na mesa com um frasco de *ketchup* ao lado, e eu sinto-me pesada, como se tivesse chumbo no corpo. Obrigo-me a dar alguns goles no café preto.

Ouço o Yash a descer as escadas.

— O que há para o pequeno-almoço, minha gente? — grita, ainda antes de entrar. De alguma forma, sabe que ainda estou aqui. — Bom dia, bom dia. — Fica junto à mesa, a olhar para os nossos pratos. — Não, não, não. Quantas vezes é preciso dizer? — Tira o *ketchup* e substitui-o por uns frascos, um vermelho, um laranja e um amarelo que vai buscar ao frigorífico. — Nunca deves deixar o Sam fazer-te ovos. É um exercício de insipidez batista.

— Essa palavra não existe. Nem sequer em francês.

— Insipidismo. Insipiditas.

Pego no frasco amarelo e no laranja e deixo cair algumas gotas por cima dos ovos estrelados. O Yash agarra no terceiro e despeja molho vermelho por todo o prato. Os rótulos estão gastos e não consigo perceber se são molhos indianos. O Sam contou-me que o pai do Yash veio sozinho de Deli para cá aos dezanove anos. Disse que ele gostava de contar que, mal saiu do avião, a primeira coisa que fez foi engravidar a rapariga mais maluca do Tennessee.

O Sam e eu ficamos a vê-lo preparar o pequeno-almoço. Anda de um lado para o outro, do frigorífico ao lava-loiça, do lava-loiça ao fogão. Põe a chaleira ao lume e sinto um certo alívio quando troca o meu café por uma chávena de chá. Depois senta-se entre nós, virado para a parede, e começa a comer depressa.

Ergue os olhos ao fim de algumas garfadas.

— Desculpem. Como que nem um animal.

— Tens irmãos mais velhos?

Ele abana a cabeça.

— Sou filho único, mas a minha mãe tinha de tirar os pratos da mesa mal servia a comida. Tens irmãos?

— Um irmão. E meios-irmãos.

Os olhos dele arregalam-se.

— Pais divorciados. Que maravilha.

Olha para o Sam.

— Dois hereges contra um santo.

Ele sabe perfeitamente o que se passou no quarto.

O Sam leva o prato para o lava-loiça.

— Um dos pais dela pode ter morrido, Yash.

O Yash olha para mim.

— Estão divorciados — afirmo.

— Tens uma madrasta malvada?

— É a irmã do Diabo.

O Sam fica junto ao lava-loiça, a passar o prato por água mais tempo do que seria preciso. Já conheci várias pessoas religiosas e, durante algum tempo, a minha mãe levou-me à missa porque estava apaixonada pelo cantor, mas nunca tinha conhecido gente deste género, que dorme com Santo Agostinho e São Paulo na mesa de cabeceira. O Sam serve-se de mais café. Já é a quarta chávena.

O Yash vê que eu reparei.

— Espero que consigas suportar o cheiro disso.

Olha para o Sam.

— Posso contar-lhe?

O amigo abana a cabeça, sem grande convicção.

— Conheces a Valquíria?

— Quem?

— A Valerie Hayes?

— Não.

— A antiga paixão do Sam. O café dava-lhe vómitos. Ele deixou de beber por causa dela e andava impossível, embora isso já seja outra história. Num fim de semana, os pais dele vieram à cidade e levaram-nos a um *brunch* muito elegante. Estamos a comer os nossos ovos *benedict* quando o pai do Sam dá um gole no café, inclinando-se um bocadinho mais, e a Valerie vomita os ovos com tal velocidade que ninguém tem tempo de se desviar. Ninguém escapa.

— Não foi assim tão mau.

— Ai isso é que foi.

— Os meus pais adoravam-na.

— Os pais dele adoravam-na, mesmo depois daquele incidente. São boas pessoas. Gente simples do campo.

— Cala-te, Galo.

— São só um bocadinho religiosos.

O Sam solta aquele riso ofegante.

— Um bocadinho.

— Um nadinha. O Sam é o rebelde da família. Dá para acreditar? É isto que é uma ovelha negra na família Gallagher.

O Sam fica indecifrável, a olhar para o café.

— Tenho de ir — digo. — Ao contrário de vocês, que são uns prodígios, eu ainda nem comecei os ensaios do Dryden.

A minha camisola está lá em cima, ao pé da cama, e, por um momento, penso em deixá-la ficar, mas foi a minha mãe que ma tricotou quando eu estava no secundário. Por isso, subo as escadas. O Sam está no corredor quando volto com ela na mão. Consigo ouvir o Yash a fazer barulho com as coisas na cozinha. O Sam enfia as mãos por baixo da minha camisola e desliza-as pelas costas das minhas calças de ganga. Ele sabe a café acabado de fazer e leva-me de volta para o quarto. Depois, fecha a porta atrás de nós e nem sequer chegamos à cama. Vamos escorregando até ao tapete e eu fico encostada à porta. Tira-me as calças; mal me toca com a língua, não passa meio minuto e eu venho-me; ele continua a segurar-me pelas ancas, embalando-me, sem nunca afastar a boca de mim, e eu volto a vir-me mais um pouco. Ouço a porta a bater levemente, e esforço-me por não fazer barulho, mas não consigo conter-me.

O Sam é mesmo muito bom no que faz.

— És muito bom nisso — elogio.

Ele sorri, olhando para mim.

— A abstinência tem as suas vantagens.

— A sério que nunca fizeste sexo?

Não responde.

Sei que devia fazer mais perguntas, mas limito-me a levar a mão ao botão das calças dele, que hoje não traz cinto, e ele não me impede.

Tudo menos isso, como dizíamos no secundário. O Sam e eu tornamo-nos muito bons em tudo menos isso.